

**O PÊNDULO DO TRABALHO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA
NATURAL ENTRE O SABER E A VERDADE NA CERTEZA SENSÍVEL**

[THE PENDULUM OF FORMING ACTIVITY OF NATURAL CONSCIOUSNESS
BETWEEN THE KNOWLEDGE AND THE TRUTH IN THE SENSE-CERTAINTY]

Cleudio Marques Ferreira

cleudioz@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5567-9477>

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (1990), Mestrado em Filosofia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2003) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (2016). É professor assistente da Universidade Federal de Catalão (UFCat), possuindo experiência nas áreas de Filosofia e Filosofia da Educação, com ênfase em Ética, Formação, Hegel, filosofia clássica e Rousseaun.

Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto

phegel50@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2776-0144>

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (1987), Mestrado em Filosofia na Área de Concentração em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998) e doutorado em Filosofia na Área de Concentração em Ética e Filosofia Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente é Professor Associado IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética e Filosofia Política, Filosofia e Educação, Filosofia e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Fenomenologia do Ethos e da Politeia, Filosofia da Educação, Filosofia Alemã, com especificidade na Filosofia Hegeliana e Epistemologia da Psicologia Analítica.

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.5663](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.5663)

Recebido em: 29 de dezembro de 2023. Aprovado em: 27 de maio de 2025

Caicó, ano 17, n. 2, 2024, p. 81-94

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.5663](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.5663)

Fluxo Contínuo



Resumo: Este texto tem como objetivo analisar os três momentos do acerbo do trabalho formativo e deformativo da consciência natural na Certeza Sensível. Nesse sentido, analisamos o objeto como essência e o eu como inessencial, deixando clara a diferença entre os momentos do formar da consciência natural em relação ao saber do Filósofo. Posteriormente, inverte-se esse processo; ou seja, o eu passa a ser o essencial e o objeto, o inessencial. Finalmente, apresenta-se a última experiência do trabalho deformativo e formativo da consciência natural em relação do eu com a Certeza Sensível. Tratamos, também, da incongruência da linguagem da consciência natural, pois, ao falar sobre o objeto, pensa dizer o Singular enquanto, na verdade, diz o Universal.

Palavras-chave: Consciência. (De)formação. Trabalho. Experiência. Desespero.

Abstract: This article aims to analyze the three moments of the acerbic of formative and deformative activity of natural consciousness in the Sense-Certainty. In doing so, we analyze the object as essence and the self as inessential, making clear the difference between the moments of formation of natural consciousness in relation to the Philosopher's knowledge. Subsequently, this process is reversed; that is, the self becomes the essential and the object, the inessential. Lastly, the last experience of the deformative and formative activity of natural consciousness in the relationship between the self and the Sense-Certainty is presented. We also discuss the incongruity of the natural consciousness language, because, when talking about the object, it thinks it is saying the Singular while, in fact, it says the Universal.

Keywords: Consciousness. (De)formation. Activity. Experience. Despair.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como propósito abordar o trabalho da formação da consciência natural, que se movimenta como um pêndulo entre saber e verdade, realiza as experiências, as negações¹ e se desequilibra quando dá início à efetivação² do seu formar³. Em primeiro lugar, analisa-se como esse trabalho ocorre na *Certeza Sensível*. Sendo a certeza sensível a primeira figura da obra *Fenomenologia do Espírito de Hegel de 1807* – início da formação (*Bildung/Formierung*) –, nela a consciência visa a conhecer o objeto imediatamente por meio do fenômeno, apresentado nessa relação, sujeito e objeto ou saber e verdade sem interferência de instrumento⁴ e meio para conhecer o objeto; porque é ele que, no primeiro momento, aparece para ela como essencial, enquanto o **eu** torna-se crucial no segundo. Na consciência natural da certeza sensível, o saber imediato é tomado como o verdadeiro, uma vez que o fenômeno surge para ela como o mais rico dessa relação entre saber e verdade. Conforme assinala Hegel, “o saber que, de início ou imediatamente, é nosso objeto, não pode ser nenhum outro senso o saber que é também imediato: – *saber do imediato* ou *receptivo*, nada mudando assim na maneira como ele se oferece e afastando de nosso apreender o conceituar” (HEGEL, 2002, p. 85, grifos no original).

Esse alicerce de formação, no primeiro momento, parece ser o mais rico saber, a simples afirmação do ser da coisa – sem se preocupar se há ou não movimento do pensamento mediante diversos fenômenos que se apresentam no processo de formação através do trabalho do conhecimento das múltiplas formas da coisa. É o apontar imediato e geral: a coisa *é*, sem nenhum atributo. Isso é para a consciência natural o que ela arroga ser o saber essencial, em que, por sua imediatez, o próprio objeto é caracterizado como o mais verdadeiro. Nessa visão, não só o **objeto** e o **eu** são imediatos, mas também a própria relação sujeito e objeto. Dessa maneira, o trabalho de formação, à qual vai ser lançada a consciência natural, irá confirmar ou não esse princípio, quando ela mesma efetivar a experiência do trabalho educativo. Nessa figura da Certeza Sensível, o trabalho da consciência natural parte do pressuposto inicial de que os três momentos da análise de seu formar – o objeto, o eu (sujeito) e a relação sujeito e objeto – são imediatos. Ademais, nesse trabalho, nota-se que a linguagem da própria consciência natural denuncia a sua inverdade quando

¹ O substantivo Negação, aqui e na passagem que se referirá a seguir, é no sentido de *Negativ*, e não *Verneinung*. *Negativ* é, antes, afirmação. Ao se negar alguma coisa, antes de mais nada, afirma-se que há uma determinação e outra distinta dela, diferente do emprego do termo *Verneinung*, o qual, também negação, mas no sentido valorativo. De forma que no processo formativo (*Bildung/Formierung*) em nível da Certeza sensível, a consciência filosófica se esforça para que a consciência natural, ingênua, disposta ao saber e à verdade, esteja certa da negação dela mesma.

² A categoria Efetividade é exposta por Hegel na teoria das modalidades (contingência, possibilidade e necessidade) na obra *Ciência da lógica*, terceira seção da Lógica da essência, na qual a efetividade, pelas modalidades, é explicitada de na determinação formal, real e absoluta, as quais, segundo Bavaresco e Iber (2016), possibilitam tanto uma leitura ontológica quanto epistemológica, as quais se completam reciprocamente. De forma que o emprego desta terminologia no âmbito da figura Certeza sensível ainda se encontra no nível formal.

³ O verbo formar é elucidado por Hegel no último parágrafo da Dialética da dominação e servidão, na figuração Consciência-de-si ou Autoconsciência. Hegel emprega dois termos ao se referir ao formar, *bilden* e *formieren*. Ambos os termos, por vezes, vêm substantivados, indicando que, para o filósofo, e mais adiante – na seção Espírito –, a efetividade consiste na reunião do externo com o interno, de forma objetiva (Razão) e efetiva (Espírito) ou, de outra forma, efetividade acrescenta o Si na relação, a qual aponta que à possibilidade real e necessidade relativa. *Bildung* e *Formierung* significam formação, mas a primeira em sentido cultural, e a segunda envolvendo matéria, em outros termos, o formar se dá fora e dentro da consciência. A certeza sensível ou a consciência natural encontra-se imersa nesse processo formativo, mas sem se dar conta efetiva dele.

⁴ Salienta-se que “instrumento” e “meio”, exposto por Hegel no primeiro parágrafo da Introdução da obra *Fenomenologia do espírito*, é referência a René Descartes (1596-1650) e a Immanuel Kant (1724-1804), mas principalmente – ao que se refere à formação, propósito deste texto – crítica ao princípio egóico, estabelecido na modernidade moderna, o qual impacta diretamente na formação. Crítica que permanece atual no campo da Educação, em sentido geral, e à formação, em termos específicos.

indica o objeto. Pensa falar do imediato quando, na verdade, diz o mediatizado; ou seja, sem perceber, fala do universal mediatizado pensando ser o imediato, e o que para ela é simples se revelará universal.

O TRABALHO DA CONSCIÊNCIA NATURAL NO (DE)FORMAR NA IMEDIATEZ DA CERTEZA SENSÍVEL

Entende-se que a consciência natural seja um puro **eu**, isto é, sem nenhuma propriedade e mediação de um saber para outro; o saber é uma relação (ou, então, depende de uma relação) para ela identificá-lo: se ele olha o computador, ela dirá que ele é o olhar o computador, enquanto estiver a olhar. Dessa forma, há também a identificação do puro **este** com o **eu** e do puro **isto** com o **objeto**. Para ela, isso é o bastante. Com isso, o pêndulo do trabalho da consciência entre saber e verdade vai transitar da experiência que a consciência natural faz com o objeto e com o eu, e daí para a relação entre o objeto e o eu, confirmando a oposição ou não do saber imediato da consciência natural.

Se, segundo a lógica do **para-ela**, a consciência natural indica o imediato como sua verdade, para a lógica do filósofo, o **para-nós**, nem o eu nem o objeto são imediatos; eles são, ao contrário, imediatos mediatizados. Uma vez que o filósofo já passou por essas experiências, detém em si o saber do movimento da consciência. Desse modo, no início da experiência do trabalho⁵ da formação, há uma relação conflituosa entre o seu saber, que a consciência assume ser o mais rico, por ser o imediato, e o saber do filósofo, para quem este é o mais pobre. Para Hegel, o objeto não é visto somente como o imediato, mas também como mediatizado.

Para nós, refletindo sobre essa diferença, resulta que tanto um quanto o outro não estão na certeza sensível apenas de *modo imediato*, mas estão, ao mesmo tempo, *mediatizados*. Eu tenho a certeza por meio de um outro, a saber: da Coisa, e essa está igualmente na certeza *mediante* um outro, a saber mediante o Eu. (HEGEL, 2002, p. 86, grifo no original).

Poder-se-ia encerrar, por aqui, o trabalho da formação da consciência natural, visto que o seu saber não corresponde ao do filósofo e, sendo este o educador, poderia simplesmente repassar o seu saber para a consciência que está no processo de formação. No entanto, isso seria quebrar a estrutura do critério de formação proposto pela dialética, segundo os pressupostos hegelianos, que é o exercício inicial do trabalho de reflexão que a consciência natural realiza sua experiência educativa tanto em si quanto no modo de conhecer o seu objeto.

O formar, nessa perspectiva, não acolhe um saber já elaborado e externo ao ser em formação. Aqui, não basta apontar as falhas de uma formação; o formando só apreende exercitando o trabalho da experiência em seu formar, tal como ocorre com o nadador que aprende a nadar por meio do próprio ato de nadar. Não basta o tutor explicar toda a teoria de natação se o aprendiz não se puser a nadar. Algo semelhante ocorre também com o trabalho de formação da consciência.

⁵ Salienta-se que a categoria trabalho é explicada por Hegel no décimo oitavo parágrafo da Dialética dominação e servidão, no âmbito da figuração Consciência-de-si ou Autoconsciência, mas a sua utilização ao se referir ao processo formativo ainda na figura Certeza sensível é possível porque o próprio Hegel afirma que o espírito já se manifesta naquela figura sem que a consciência saiba dele.

Ela mesma deve fazer as suas experiências para se certificar de que aquilo que ela afirma como verdade corresponde ao seu critério de averiguação com o seu saber.

Se, de um lado, o filósofo aponta ser o objeto imediato e mediatizado, de outro, a consciência natural o toma como imediato, preferindo o seu saber e, enredado nele e relutante em deixá-lo, não vai aceitar facilmente uma outra verdade, mesmo que essa seja do mestre/senhor. Assim, **o seu trabalho de formar é o seu próprio deformar**. É o realizar-se no desequilíbrio no percurso de seu formar para alcançar por meio do trabalho fatigante o seu objetivo; ou seja, a sua educação.

A sua formação, em busca dos fenômenos apresentados em seu percurso que possam iluminar as suas ilusões e as suas opiniões dogmáticas para demoli-las, desdobram-se em itinerário acerbo, porque ela tem que esboroar para se formar através de seu trabalho esfalfante. Ou seja, vai ter que se desagarrar de seu paradigma de conhecimento para assumir um outro. Isso a leva quase a romper totalmente com a sua tradição formativa. Entende-se que essa atitude educadora não é fácil nem para quem está de fora, como espectador do seu drama. Mas quem diz que se formar é fácil. Entretanto, nada se pode inventar a não ser provocá-la a penetrar ainda mais em seu deformar para se formar, embora isso cause-lhe o seu desespero, pois ela está no mundo e com o mundo e, para superá-lo, tem com seu trabalho desocultar aquilo que ele oculta para ser um outro dela mesma e suprásumi-lo, mesmo que isso lhe provoque o desassossego.

Nesse ínterim da passagem de um saber ao outro, que lhe aparece pelo trabalho da experiência com o objeto, é que se gera o seu desespero⁶ e se vê competida a recorrer à estratégia pendular de passar de uma experiência à outra, com o propósito de não querer ceder facilmente a um novo saber. No entanto, a própria experiência com o objeto surge um novo fenômeno e impõe a aceitação de um novo saber diferente daquele no qual ela desejaria permanecer.

O movimento pendular da consciência, nesta etapa, é o transitar de uma experiência a outra, impelida pela própria negação do visar (*Meinen*), em relação à verdade encontrada no objeto, no eu e na relação entre ambos. A consciência natural não admite essa verdade, porque ela ufana possuir o conhecimento mais rico, tanto percorrendo o espaço e o tempo quanto se aprofundando cada vez mais em seu interior. A consciência, nesse percurso de seu trabalho de formação, mesmo inicialmente não querendo mudar seu princípio cultural de verdade, concretiza a experiência com o objeto.

Para iniciar esse itinerário, na Certeza Sensível, do trabalho de educação mediante a experiência, a consciência elege em primeiro lugar o objeto como o imediato e o essencial, justificando que, sem ele, não haveria conhecimento, pois ele existe independente do saber. Mesmo não havendo saber, o objeto existe.

Privilegia-se, desse modo, a essencialidade do objeto e a inessencialidade do eu, confirmando-se a existência dos dois, um como o **eu** e o outro como o objeto. Hegel, didaticamente, coloca o **eu** como puro **este** e o objeto como puro **isto**. Agora, só resta à consciência em seu trabalho de formação investigar se aquilo que ela aponta como verdade na Certeza Sensível corresponde, ou não, à sua indicação. Caso não haja consonância entre o saber da consciência natural com a verdade que ela assinala no objeto, deve-se demonstrar como ocorre a deformação da consciência natural e a sua formação no processo do trabalho de aprendizagem.

Se a consciência natural inicialmente desafina da posição do **para-nós**, que toma o objeto como imediato mediatizado, ou mediatizado imediato, basta a ela, então, começar o processo

⁶ A consciência, em seu processo formativo, mais do que em dúvida, encontra-se em desespero porque ao perder a garantia da sua certeza ela se perde enquanto verdade. Mas precisa que a certeza sensível se enriqueça a esse ponto, o que não é o caso da certeza sensível.

formativo para averiguar se ela tem razão ou não. Ao filósofo cabem a maturidade e a paciência de ver a rebeldia salutar da consciência em querer, com seu capricho, garantir a essencialidade da imediatidade do objeto. Assim, a consciência toma como o primeiro trabalho da experiência em seu aprendizado na relação com o objeto.

Querendo conhecer o objeto, a consciência logo pergunta: **o que é o isto?** E essa investigação requer um desdobramento do objeto tanto no **aqui** como no **agora**. Se se produz a mesma pergunta – **o que é o agora?** – ela afirma ser o dia. Para garantir esta verdade, anota-a e volta-se de novo ao agora e nota que ele não é dia, mas sim noite.

Nessa primeira experiência, percebe-se que o **agora** não corresponde mais ao dia nem à noite. No entanto, ele é sem ser um ou o outro. Tem-se no agora tanto o dia quanto a noite, ele é o não-isto de ambos, tendo em vista que ruiu a formação na imediatez de indicar a verdade.

A deformação da formação para uma nova formação ocorre por meio da **negação** (*Negation*) interna ao objeto, no processo de desocultamento das diferenças que eram ocultadas quando era indicado o imediato. Há no objeto, portanto, um outro de si mesmo, pois ele é o mediatizado, ou seja, um **universal simples**. Desse modo, o que foi visado não é a verdade demonstrada neste primeiro momento da experiência da consciência na Certeza Sensível.

O objeto é tanto imediato como mediatizado. Aí aparece a questão dessa primeira figura: ela opina algo singular e imediato; agora é noite. E ela quer se manter nessa posição porque sua verdade é algo singular e imediato. Mas o que a experiência mostra à consciência natural é justamente o contrário. O que ela opina como singular e imediato, na verdade, nesse agora, é universal e mediatizado, porque ele não é dia nem noite e, também, pode ser dia e noite.

Portanto, esse agora que se mantém não é um imediato, mas um mediatizado, por ser determinado como o que permanece e se mantém *porque* outro – ou seja, o dia e a noite – não é. Com isso, o agora é tão simples ainda como antes: *agora*; e nessa simplicidade é indiferente aquilo que se joga em torno dele. Como o dia e a noite não são o seu ser, assim também ele não é o dia e a noite, não é afetado por esse seu ser-Outro. (HEGEL, 2002, p. 87, grifo no original).

Nota-se uma diferença ocorrida no itinerário da formação da consciência, mesmo que ela não queira aceitar de imediato essa oposição. No entanto, não pode negá-la, uma vez que, na primeira experiência, realizada com o objeto, encontra-se uma assimetria entre a verdade que era apontada no início, como imediata, com a alcançada no seu final, que é o imediato mediatizado. Esta consonância quebrada pelo resultado efetivo trabalho da experiência da consciência natural gera o ruído da incongruência entre o imediato visado e o mediatizado encontrado. Esse resultado impele a consciência a outro momento da experiência, mesmo discordando do resultado final desse momento e querendo sustentar o seu formar. O pêndulo que estava na experiência do agora passa para o aqui.

Toma-se o **isto** em relação ao **aqui** para exemplificar esse novo momento da experiência de formação da consciência. Neste novo momento de formação, a consciência continua presa ao objeto, mas no **aqui**, e não no **agora**. Um esclarecimento destes dois elementos pode auxiliar a desenvolver melhor o trabalho de formação da consciência a partir dos pressupostos de Hegel.

A primeira experiência foi realizada no agora, compreendido como o tempo, e não houve consonância entre o que a consciência afirmava e o resultado da experiência formadora. Ela continua no aqui, ou melhor, no espaço. Esse procedimento vai desocultando a fragilidade do saber imediato, que a consciência ingênua toma como o mais rico. Em um segundo momento, a

consciência toma o aqui como árvore, e quer garantir a simplicidade imediata desse apontamento, justificando o aqui como imediato, mas isso não se poderia dizer.

Se em um primeiro momento ela diz “o aqui é árvore” e, depois, “o aqui é casa”, “o aqui é mesa”, diz-se o imediato; pode-se dizer outras coisas do aqui. Ele é cadeira, livro e carro. Ele não deixa de ser aqui. Todavia, há uma negação no próprio aqui. Por isso, ele é um outro dele mesmo ao apontar ou indicar cada coisa. Mas também ele não é nada disso. A sua existência é independente de ser isso ou aquilo. Vê-se, então, que a consciência visa à essencialidade imediata do aqui. No entanto, no momento em que testa o critério de sua verdade com o seu saber, encontra novamente uma verdade diferente daquela que ela afirmava ser, semelhante à experiência do agora.

Chega-se, então, a uma verdade cuja essência não é imediata, mas imediata mediatizada. Constata-se, de fato, pela experiência da consciência, que o aqui é indiferente à mudança ocorrida ao afirmar “aqui é árvore”, posteriormente é uma mesa. Por isso, a imediatez não deu sustentação ao seu indicar; aponta uma coisa, em seguida, nota-se outra.

O aqui é, portanto, um imediato mediatizado pelo processo da negação (*Negation*) interna a ele mesmo. Ou seja, uma universalidade simples indiferente se o objeto seja X ou Y. A única coisa que se pode afirmar é a continuidade do aqui, com o vir a ser-outro do objeto.

Portanto, o *puro ser* permanece como essência dessa certeza sensível, enquanto ela mostra *em si* mesma o universal como a verdade do seu objeto; mas não como imediato, e sim como algo a que a negação e a mediação são essenciais. Por isso, não é o que *'visamos'* como ser, mas é o ser com a determinação de ser a abstração ou o puro universal. *Nosso 'visar'*, para o qual o verdadeiro da certeza sensível não é o universal, é tudo quanto resta frente a esses *aqui* e *agora* vazios e indiferentes. (HEGEL, 2002, p. 88).

Nesses dois momentos da experiência⁷ realizada pela consciência, tem-se a não verdade da verdade visada. Ou seja, a experiência tanto do **agora** quanto do **aqui** da consciência natural realizada na Certeza Sensível não confirmou a essencialidade da imediatez da verdade, enunciada por aquele que opinava, antes de efetivar a experiência. A consciência ingênua, ainda entrelaçada à sua formação, vê que esta desmorona e, com isso, entra em dúvida e desespero porque aquilo que ela havia afirmado como verdade não o é mais. Mesmo assim, ela não quer aceitar a negação ocorrida internamente no objeto, que deixa de ser o essencial e imediato, passando a ser o imediato mediatizado. No primeiro momento, quando o objeto é considerado como imediato e essencial, a consciência realiza nele a sua primeira experiência, independente do saber, que é visto, no início da experiência, como mediatizado e inessencial. Agora, no final de sua experiência com o objeto, ela esgota a possibilidade de garantir a verdade de sua formação imediata, que antes havia opinado; ou seja, o primeiro critério de verdade da consciência na Certeza Sensível é a imediatidade do objeto, por isso o toma como essencial. Não sendo confirmada essa verdade pela experiência, vê-se ela obrigada a mudar de estratégia para assegurar seu modelo de formação.

Poder-se-ia pensar que ela fosse desistir de sua verdade pela própria evidência que a experiência mostra, mas não. E com o seu pertinaz esforço e intuito de garantir o seu modelo de verdade, muda o referencial do pêndulo de sua formação. Se antes o objeto era o essencial para iniciar a formação, agora, é o inessencial, e o que era inessencial, o saber, passa a ser o essencial; deslocando o pêndulo da experiência do objeto para o eu. Agora, o imediato e o essencial estão no

⁷ “Esse movimento *dialético* que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, *enquanto dele surge um novo objeto verdadeiro* para a consciência, é justamente o que se chama *experiência*” (HEGEL, 2002, p. 77, grifo no original).

eu. Essa é a estratégia que a consciência ingênua encontra com o propósito de garantir o seu saber e negar o oculto que lhe aparece mediante a experiência. No entanto, como ela visou a imediatidade no objeto, não tendo sido possível comprová-la, talvez possa conseguir encontrá-la no saber e comprovar que tanto o saber é imediato quanto o objeto.

O objeto, que deveria ser o essencial, agora é o inessencial da certeza sensível; isso porque o universal, no qual o objeto se tornou, não é mais aquele que deveria ser essencialmente para a certeza sensível; pois ela agora se encontra no oposto, isto é, no saber que antes era o inessencial. Sua verdade está no objeto como *meu* objeto, ou seja, no '*visar*' [*meinem/Meinen*]: o objeto é porque Eu sei dele. Assim, a certeza sensível foi desalojada do objeto, sem dúvida, mas nem por isso foi ainda suprasumida, se não apenas recambiada ao Eu. (HEGEL, 2002, p. 88, grifo no original).

Se o pêndulo conduz a experiência para o **eu** é porque a verdade imediata está assegurada no seu ver e ouvir. Desse modo, a consciência natural, na Certeza Sensível, imediatiza a verdade através do eu. O objeto, que antes era uma verdade independente do saber, agora existe porque o eu o vê, tal qual ocorre com a noite. Aqui é uma árvore porque o eu a vê. Um outro eu vê a casa. Assim, um eu tem a experiência imediata de ver a casa, e outro, a árvore, um outro poderia ter a experiência com o livro. Desse modo, nota-se a repetição da experiência anterior realizada tanto no agora quanto no aqui.

Há, então, uma universalidade do eu e as verdades são confirmadas em um outro dele, ou seja, o anterior foi mediado da sua singularidade para sua universalidade, e que, agora, existe uma universalidade no eu como ocorre, também, no aqui e no agora. Ou seja, a formação do eu possibilita que um eu veja a casa, o outro veja a árvore: essas são experiências imediatas, diretas, mas ao mesmo tempo não o são, visto que o eu tem tanto a experiência da casa quanto a da árvore e pode ter outras experiências além dessas.

Nesse sentido, o trabalho de sua educação proporciona o transitar em si mesmo pela sua negação interna. Assim, a sua existência não confirma a imediatez do ver, mas na medida em que ele é um outro dele mesmo cuja caracterização está no eu que vê o livro, outro, o avião, outro, a casa; e o próprio eu não desaparece nessas experiências imediatas, logo ele é o imediato mediatizado. Ele é justamente isso porque faz a relação de mediação com diferentes objetos. Consequentemente, ele não é algo imediato. O eu é indiferente em ver casa, bicicleta, carro etc. Ele é o ver tanto dessas coisas, como o não ver nada delas. Ele pode ver tudo isso, como pode também não ver nada disso. Assim, ele é o universal mediatizado, tal qual o agora e o aqui, e não algo singular como visa a consciência ingênua. Por conseguinte, essa segunda experiência da consciência ingênua confirma aquilo que ela não queria. Ou seja, ela opinava a imediatez do saber, no entanto chega-se a um imediato mediatizado, opondo-se ao modelo de formação dela, caracterizando, cada vez mais e sem a sua vontade, o deformar e o formar da consciência nela mesma e no objeto.

O que nessa experiência não desvanece é o *Eu* como *universal*: seu ver, nem é um ver da árvore nem o dessa casa; mas é um ver simples que, embora mediatizado pela negação dessa casa etc., se mantém simples e indiferente diante do que está em jogo: a casa, a árvore. O Eu é só universal, como *agora, aqui, ou isto*, em geral. 'Viso', de certo, um *Eu singular*, mas como não posso dizer o que 'Viso' no agora, no aqui, também não o posso no Eu. Quando digo: *este aqui, este agora*, ou um *singular*, estou dizendo *todo este, todo aqui, todo agora, todo singular*. Igualmente quando

digo: *Eu, este Eu singular*, digo *todo Eu* em geral; cada um é o que digo: *Eu, este Eu singular*. (HEGEL, 2002, p. 89, grifos no original).

Nesse processo do trabalho de formação do saber da consciência por meio da negação da verdade do objeto por uma outra, assim como também a passagem de um eu para **outro**, vê-se a mudança da verdade da casa para as árvores e o desvanecer da imediatez no eu tal como ocorre no objeto. Alcança o eu uma outra verdade contrária àquela que foi visada pela consciência, o imediato mediatizado ou a universalidade simples.

A consciência, querendo ficar presa ao imediato tanto no agora quanto no eu – e não aceitando a universalidade do objeto –, faz a mudança pendular da experiência do objeto para o eu com o propósito de fugir da negação existente nele. Entrementes, com essa atitude tosca de querer negar a verdade que aparece de seu formar, ela mesma acaba construindo o cadafalso de sua opinião.

Por não possuir mais meios que garantam a sua afirmação, tendo em vista que todas as experiências realizadas até o momento assinalam negativamente a verdade que a consciência natural procura assumir, esse seu formar sinuoso a conduz ao desespero. A ela, nesse contexto de formação, fica a inessencialidade tanto do eu quanto do objeto, uma vez que ela tinha a essencialidade imediata como a verdade de cada experiência. Porém, o seu processo formativo mostrou o oposto da verdade que ela visava: o imediato mediatizado. Isso não era o que ela afirmava.

A certeza sensível experimenta, assim, que sua essência nem está no objeto, nem no Eu, e que a imediatez nem é imediatez de um nem de outro, pois o que ‘viso’ em ambos é, antes, um inessencial. Ora, o objeto e o Eu são universais: neles o agora, o aqui, e o Eu – que ‘viso’ – não se sustêm, ou *não são*. (HEGEL, 2002, p. 89, grifos no original).

Todavia, embora chegue a esse resultado, a consciência não se sente convencida de uma outra verdade que não seja o seu visar. Resta-lhe, então, uma outra alternativa, que é o **todo** da Certeza Sensível. Não é tomar em primeiro lugar o objeto oposto ao eu e, depois, o eu separadamente, senão a **relação entre o objeto e o eu**.

É esta a última tentativa do trabalho da experiência da consciência ingênua na Certeza Sensível, na qual ela tem a intenção de manter a sua posição. Em virtude disso, ela tenta impedir o fluxo do movimento, mantendo estático o seu indicar. Ou melhor, mantém-se na relação, o agora é dia; não vira nem para esquerda nem para direita, nem para cima nem para baixo. É como se ela quisesse, de repente, parar o fluir do aqui e do agora. Com esse intuito, a relação é o elemento imediato, tendo em vista que ela, mediante isso, procura deter o fluxo do aqui e do agora na simples relação imediata que o agora tem com o **aqui**. Prende-se na imediatez dessa relação.

Eu, este, afirmo assim o aqui como árvore, e não me viro de modo que o aqui se tornaria para mim uma não-árvore. Também não tomo conhecimento de que um outro Eu veja o aqui como não-árvore, ou que Eu mesmo em outra ocasião tomasse o aqui como não-árvore, e o agora como não-dia. Eu, porém, sou um puro intuir; eu, quanto a mim, fico nisto: o agora é dia; ou então neste outro: o aqui é árvore. Também não comparo o aqui e o agora um com o outro, mas me atenho firme a uma relação imediata: o agora é dia. (HEGEL, 2002, p. 90).

Vê-se, com isso, que a consciência pretende estancar o trabalho de seu formar, uma vez que, segurada à imediatez da relação, não aceita nada que esteja fora dela. Nesta, o **aqui** e o **agora** são imediatos. Isso para ela, a consciência, é o suficiente. Parece até que, com esse princípio, ela encontrou a resposta àquilo que ela se propunha: o opinar da essencialidade do imediato, pois ela intui a imediatez da verdade da relação e toma isso como pronto e acabado. Em virtude disso, o seu formar se encerrou. Mas como ficam as outras experiências anteriores? Elas estão erradas?

Para examinar se a consciência tem razão de sua verdade, ou não, precisa-se ir até a Certeza Sensível e pedir-lhe que mostre a sua verdade, uma vez que aquela decidiu não aluir um passo fora de sua relação. Tem-se aqui o adágio popular sendo realizado: se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

Visto que ela, consciência ingênua, ao tomar o agora é dia, assume esta posição eternamente, não aceitando o imediato mediatizado dessa relação. E como não pode vir nada de fora para mostrar a falha da própria consciência, concebe-se que ela esteja “certa”. Diante dessa experiência, o pêndulo sai da consciência e passa ao para-nós, com o propósito de que este examine, com sua prudência pedagógica, se a verdade assumida pela Certeza Sensível está correta. Isto só é possível se se mergulha na própria experiência da consciência natural.

Já que essa certeza sensível não quer mais dar um passo em nossa direção - quando lhe fazemos notar um agora que é noite ou um Eu para quem é noite -, vamos a seu encontro e fazer que nos *indique* o agora que é afirmado. Temos de fazer que nos indique, pois a verdade dessa relação imediata é a verdade desse Eu, que se restringe a um *agora* ou a um *aqui*. A verdade desse Eu não teria a mínima significação se a captássemos *posteriormente* ou se ficassemos *distante* dela; pois lhe teríamos supprassumido a imediato que lhe é essencial. Devemos, portanto, penetrar no mesmo ponto do tempo ou do espaço, mostrá-los a nós, isto é, fazer de nós [um só e] o mesmo com esse Eu que sabe com certeza. (HEGEL, 2002, p. 90).

Tem-se, aqui, o problema do trabalho do formar; de um lado, há a afirmação da relação da verdade imediata da consciência natural, de outro, o **para-nós** que sabe da não-verdade dessa verdade, contudo ele não pode simplesmente dizer: “isso não é verdade”. Então, esta sinuosidade da mudança do pêndulo ligando a experiência da consciência natural ao objeto, ao eu e à relação entre o objeto e o eu, agora, passa ao **para-nós**. Este vê o imediato e o mediatizado, aquilo que a consciência não consegue ver, que é uma verdade diferente daquela que ela encontrou na relação, tanto no **agora** quanto no **aqui**. Se for preciso averiguar a própria formação da consciência que afirma ter chegado à verdade imediata por meio da relação entre o **objeto** e o **eu**, começa-se com o **agora**.

Portanto, o formar da consciência no **agora** ocorre quando ela indica o agora que é tomado como verdade, porém ele se desvanece na afirmação deste agora. Ou seja, quando ele é, ele não é; e quando ele não é, ele é. O trabalho de se formar percebe o devir, uma vez que a fixidez flui no movimento do indicar, ele é e já não o é mais, com a indicação de um outro que possui os momentos anteriores. Ou seja, o que é não é mais, com o surgimento de um **outro** agora dele mesmo⁸.

⁸ Podem ilustrar a compreensão do movimento dialético da formação estes trechos das canções “Como uma onda”, composta por Nelson Motta e interpretada por Lulu Santos – “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre passará” (COMO..., 1983) – e “Drão”, de Gilberto Gil – “Quem poderá fazer aquele amor morrer? Se o amor é como um grão. Morre, nasce trigo. Vive, morre pão” (DRÃO, 1982).

E este **outro** dele também já não é o mesmo. Em primeiro lugar, o **agora** é mostrado; posteriormente, esse **agora** que é mostrado é negado. Ele já não é mais o agora inicial. Se se diz: “agora são dez horas”, neste exato momento olha-se de novo o relógio, e o agora já não é mais; ele, o agora universal, é dez horas e um segundo. Assim, o **agora** já não é mais o mesmo agora, ele já foi. Tem-se, no segundo momento, a negação daquela primeira indicação. No entanto, o agora não desapareceu, ele suprassume o que estava dentro do próprio agora.

A experiência do trabalho de formação com o **agora** está desocultando o que ele é. Não é alguém de fora que está dizendo: “olha, o **agora** é assim e desse modo”. Não é nada disso, ninguém de fora está forçando um modo de ser do agora. Esse é o modo de ele ser desocultado no próprio ato de sua experiência, o **agora** não é sempre o mesmo. Tem-se um outro **agora**.

Desse modo, o ser **outro** dele o mantém, tendo em vista que o segundo **agora** é a negação do primeiro, que é a negação de si mesmo, pois este segundo **agora** das dez horas e um segundo é o ser-outro do próprio **agora**. Ele é agora enquanto dez horas e, também, enquanto dez horas e um segundo. Só que o **agora** é ele mesmo em momentos diferentes. Em virtude disso, o segundo momento significa a negação do primeiro **agora**. Afirma-se esse segundo agora e, ao mesmo tempo, nega-se o primeiro. Todavia, ao olhar novamente o relógio, são dez horas e cinco minutos: o **Agora** congrega os vários **agoras**.

Vê-se que a experiência do **agora**, na Certeza Sensível, apontada pelo **para-nós**, está despertando para a quebra da abstração⁹ do indicar o **Agora**. Anuncia-se o primeiro agora. Na segunda indicação, o **agora** que foi já não é. Tem-se, então, a negação do primeiro. E, no terceiro momento, tem-se a negação da negação. Ou seja, a negação do segundo indicado em relação ao primeiro, tendo, assim, a negação que foi negada. Por isso, tem-se a negação da negação, mas esta negação da negação é afirmação de uma posição. Volta-se, de fato, ao **agora**. Só que este retorno não é ao **agora** imediato, abstrato, da primeira indicação, mas, sim, ao **agora concreto** que tem nele mesmo tanto as dez horas e as dez horas e um segundo quanto as dez horas e cinco minutos.

⁹ O ensaio “Quem Pensa Abstratamente?”, de Hegel, publicado pela Revista Síntese Nova Fase, v. 22, n. 69 (1995), traz elementos relevantes para entender os fundamentos de sua crítica a esse modelo de pensar. Ilustra ele: “Quem pensa abstratamente? O homem sem instrução, não o instruído. A boa sociedade não pensa abstratamente, portanto, pois é muito simples, muito baixo, e baixo não segundo o status exterior nem a partir de uma nobreza vazia que se coloca acima daquilo que ela não é capaz, mas sim por causa da inferioridade interior à coisa mesma. O Preconceito e o respeito pelo pensamento abstrato são tão grandes, que os mais perspicazes vão farejar de saída uma sátira ou uma ironia nesse ensaio. Uma vez que eles também são leitores do *Morgenblatt*, eles sabem que foi oferecido um prêmio para uma sátira e que, portanto, eu preferiria acreditar merecer receber o prêmio e concorrer para esse do que desgastar-me aqui para nada. Eu necessito somente acrescentar alguns exemplos à minha proposição, com os quais todos concordarão que esses a confirmam. Um assassino é conduzido ao local de execução. Para o povo em geral trata-se somente de um criminoso e nada mais. Algumas damas comentam talvez que ele é um homem forte, belo e interessante. O povo reage com repulsa: ‘o quê?’ ‘um assassino belo?’ ‘Como se pode pensar tão equivocadamente a ponto de chamar um assassino de belo?’ ‘você não são melhores do que ele!’ O padre, que conhece bem a razão das coisas e os corações, acrescenta talvez, que isto é um sinal da corrupção dos costumes que permeia as classes superiores. Uma pessoa que realmente conheça o ser humano (*Menschenkenntnis*) traça o cominho de formação do criminoso: ele encontrará na história do criminoso uma educação deficiente; péssimas relações familiares entre seu pai e sua mãe; algumas punições monstruosas (*ungeheure Harte*) após um leve delito, que deixa esse homem amargurado com a ordem civil; uma primeira reação dessa ordem contra ele, excluindo-o da sociedade e possibilitando-lhe a partir daí a sobrevivência somente através do crime. Provavelmente existem pessoas que ao ouvirem tais coisas dirão: este que isentar o criminoso de sua culpa! Eu me lembro em ter ouvido, quando era jovem, um prefeito reclamando que os escritores estavam passando dos limites, pois procuravam destruir totalmente o cristianismo e a honradez (*Rechtschaffenheit*). Segundo o prefeito, um deles teria escrito uma apologia do suicídio; horrível, horrível demais! Algumas perguntas mais e descobriu-se que se tratava dos *Sofrimentos de Werther*. Pensar abstratamente significa isto: ver o assassino somente o fato abstrato que ele é um assassino e através desta simples qualidade anular (*Vertilgen*) toda essência humana ainda remanescente nele.” (HEGEL, 1995, p. 237, grifos no original).

Consequentemente, esse terceiro momento do agora inclui os momentos precedentes, tendo nele o imediato mediatizado e a negação da negação.

A consciência natural, não querendo aceitar esse movimento, queria permanecer na primeira indicação das horas, mantendo ali sua fixidez e negando, com isso, o fluxo do agora. Se isso fosse garantido, seria a confirmação do empobrecimento do saber, porque estagnaria o fluir deste agora na opinião da Certeza Sensível. E não perceberia o momento do trabalho da deformação e da formação da consciência natural, tendo em vista que a negação da negação, do imediato mediatizado e do mediato immediatizado, conserva os outros momentos do agora, não em seu caráter abstrato, mas em seu caráter **concreto**. Hegel está resolvendo a questão da formação, dividida entre o pensamento abstrato e o concreto.

O primeiro possui a etimologia do latim, do verbo *abstrahere* (*abs* = para fora, *trahere* = trazer). Com isso, tem-se um saber separado do objeto. Abstrai-se do objeto a essência da verdade já pronta e acabada. Nesse processo de formação há, então, a separação entre o conhecer e a verdade. Por isso, a crítica ao conhecimento da consciência natural, na Certeza Sensível, no início da figura, quando Hegel (2002, p. 85) diz que: “a certeza sensível aparece como a mais verdadeira, pois do objeto nada ainda deixou de lado, mas o tem em toda sua plenitude, diante de si. Mas, de fato, essa certeza se faz passar a si mesma pela verdade mais abstrata e mais pobre”.

Quanto ao pensamento concreto, a etimologia vem também do latim, do verbo *concrecere* (com = junto, *crescere* = formar). Eis aí a diferença entre uma formação e outra. A desenvolvida nesse processo formativo é a segunda, pois é a que se vê já no início da formação da consciência, sendo despertada para a experiência em que mostra o ser e o vir-a-ser do **Agora**, no próprio agora¹⁰.

O agora e o indicar do agora são assim constituídos que nem o agora nem o indicar do agora são um Simples imediato, e sim um movimento que contém momentos diversos. Põe-se *este*, mas é *um Outro* que é posto, ou seja, o este é suprasumido. Esse *ser-Outro*, ou suprasumir do primeiro, é, por sua vez, *suprasumido de novo*, e assim retoma ao primeiro. No entanto, esse primeiro refletido em si mesmo não é exatamente o mesmo que era de início, a saber, um *imediato*; ao contrário, é propriamente *algo em si refletido* ou um *simples*, que permanece no ser-Outro o que ele é: um agora que é absolutamente muitos agoras; e esse é o verdadeiro agora, o agora como simples dia que tem em si muitos agoras [ou] horas. (HEGEL, 2002, p. 91, grifo no original).

¹⁰ Para um melhor entendimento desse conteúdo desenvolvido por Hegel, recorre-se aqui ao livro “Hegel: os primeiros Embates Dialéticos”, de Oliveira Neto (2003, p. 75, grifo no original): “[...] ao interrogar a Certeza sensível e ao fazê-la indicar o agora que ela visa viesse ato de indicar ocorre uma distância no tempo entre o ato presente e o ato de indicar o agora, pois o agora indicado já não é agora, mas um agora que se foi. O agora é, portanto, essa fuga constante, permanente. Essa é justamente a posição de Heráclito. Estar-se tentando encontrar um ponto parmenídico no fluxo heraclítico. Difícil tarefa, pois ao tentar encontrar o ser parmenídico pronto para ser agarrado pelo pensamento, encontra-se em verdade o fluir heraclítico. [...] Mas, Hegel quer, tal e qual tentou Platão, mesmo que em sua forma peculiar, conceber o movimento. Para isso, tem que admitir o não-ser. Mas se se tem o movimento puro, não se tem estabilidade. A dificuldade, aqui, é justamente a proposição de Parmênides de que o ser é e o não-ser não é e que, portanto, só o ser pode ser pensado já que o não-ser não é. Hegel, tal como Platão - respeitando a distância conceitual e teórica entre essas duas filosofias - quer defender a tese de que o ser, de certa forma, não é, e o não-ser, de certa forma, é. E este *de certa forma* torna-se importante, porque se trata de pensar o ser no não-ser e o não-ser no ser, que dá como resultado o *devenir* (*Werden*), o movimento”. Nesta explicação, Oliveira Neto (2003), com bastante prudência, traz Hegel em sua dialética do agora, contextualizando as divergências teóricas no modo de interpretar o movimento do ser desde o início da filosofia, na qual Hegel toma partido assumindo o devir no interior do ser, em que o saber deste é indicado, negado e acrescentado nele mesmo, ocorrendo a suprasunção (*Aufheben*) de um saber para outro. Só assim se realiza a concretude da formação.

Em virtude disso, quando se indica o **agora**, há nele o dia, que, por sua vez, possui suas horas, minutos e segundos; no apontar o **singular**, tem-se também o **universal**, tal qual ocorre com o processo do trabalho do formativo do aqui. Ao indicá-lo, tem-se o imediato e, também, o mediatizado, uma vez que não se pode se deter somente no aqui visado, por ele ter um outro dele mesmo em sua negação interna. Ou seja, quando se diz o **aqui**, pode-se estar indicando o embaixo, o em cima, à direita, à esquerda, à frente e atrás. Isso demonstra que, na formação do aqui, no apontar o imediato, há também o mediatizado. Existe nele mesmo um movimento que conduz da unidade à universalidade, passando por todas as multiplicidades do aqui.

Consequentemente, tem-se todos os **aqui**, como ocorria com o **agora**, que ao afirmar um agora há nele todos os **agora**. Essa formação da singularidade e da universalidade, realizada através da experiência na própria Certeza Sensível, faz a consciência natural não querer aceitá-la porque disso decorreria o seu deformar. No entanto, o **para-nós**, no início da experiência, já indicava a falha do saber que a consciência natural dizia ser o mais rico.

Como não poderia interferir no processo formativo da consciência, deixou que ela mesma descobrisse suas falhas. O pêndulo muda da experiência do objeto para o **eu** e deste para a relação entre o objeto e o **eu**. Agarrada a seu saber abstrato, a consciência não quis aceitar o imediato mediatizado em cada experiência que fez. Entrementes, após ter realizado tais experiências, o **para-nós**, sem interferir nelas, aponta a nebulosidade da consciência natural, quando mostra no agora aquilo que ela não quer ver – o imediato mediatizado – por meio da experiência na Certeza Sensível. Além dessa experiência, o **para-nós** ratifica a falha da consciência ingênua quando recorre ao uso da linguagem.

A consciência, para dar sustentação à sua verdade imediata, não poderia falar. Ela deveria ficar muda como uma pedra, pois o ato de falar já denuncia a oposição daquilo que ela visa. Ela, consciência ingênua, pensa afirmar o imediato ou o singular de uma coisa, quando, na verdade, está afirmando o imediato e o mediatizado, o universal e o singular. Desse modo, ratifica-se o (de)formar com o trabalho da experiência da consciência entre o sujeito e o objeto; ou seja, a consciência natural não é a mesma, nem o objeto. Há um outro dela mesma e do objeto, o imediato mediatizado, o singular e o universal, o saber e a verdade transitam de uma figura cultural em sua outra no seu processo de formação haurido da experiência da consciência com o objeto. Tem-se agora a apresentação de um fenômeno que provocará uma nova experiência, desequilibrando a formação anterior e impulsionando no saber a necessidade de continuar a sua educação dialeticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se que o itinerário da formação do trabalho da consciência a conduz ao desespero à medida que a linguagem não confirma a verdade afirmada por ela com toda a convicção. O ser-aí, singular e exterior, torna-se indizível porque, ao visá-lo ou opinar sobre ele, a consciência não percebe o ser visado e o opinado, mas, sim, a universalidade. O objeto possui a multiplicidade em si e a unidade da consciência. Daí decorre que a consciência, ao querer dizer a imediatez, mesmo na Certeza Sensível, diz ambos: o imediato e o mediatizado.

A formação da verdade inicial faz a trans-versão de si mesma quando vê o raiar de uma outra verdade: o agora que tem vários agora, tal como acontece com o aqui e, também, com a linguagem. Se se visa somente este pedaço de papel e o toma como se fosse o verdadeiro, isso seria o inefável do falar, tendo em vista que ao dizê-lo não se diz apenas “este pedaço de papel”, mas

também o papel enquanto universal. A consciência ingênua quer dizer somente um ser sensível, imediato e singular. Há, então, a negação do opinar da consciência e a confirmação da reviravolta do formar com a linguagem. “Quando digo: uma coisa singular, eu a enuncio antes como de todo universal [...]. O falar tem a natureza divina de inverter imediatamente o '*visar*', de torná-lo algo diverso, não o deixando assim aceder à palavra” (HEGEL, 2002, p. 94, grifo no original).

O para-nós não aceita o puramente imediato. Existe, para ele, o imediato mediatizado. Em virtude disso, a Certeza Sensível incorre em uma total unilateralidade. Daí advém a sua parcialidade e sua falsidade, levando à sua destruição. Por agarrar-se demasiadamente ao seu imediatismo, não entende a estrutura do ser em seu modo geral nem do sensível que é o seu objeto, decorrendo um questionamento do saber da consciência natural no agora e na linguagem. Com isso, o itinerário da formação da consciência natural mostrou para esta a oposição entre a verdade que ela visava e a verdade surgida do fenômeno da experiência dela com o objeto. Tinha-se uma verdade imediata, entretanto chega-se a uma verdade imediata mediatizada ou a um singular universalizado. Ou seja, quando se aponta o imediato, tem-se o imediato, mas, também, o mediatizado no próprio objeto.

A consciência ingênua negou isso em todos os momentos do seu formar, o que causou dor e desespero, em razão de ela afirmar uma verdade e chegar à outra. Por último, não sabia que o seu próprio falar a desmentia. Ocorrendo o esgotamento da justificativa da verdade da consciência na Certeza Sensível, passa-se para uma outra figura que possa dar conta da contradição interna ao objeto e ao saber. E, assim, tem continuidade o itinerário da formação do trabalho da consciência.

REFERÊNCIAS

- BAVARESCO, Agemir; IBER, Christian. Determinações modais da efetividade na lógica da essência hegeliana. **Dissertatio de Filosofia**, v. 44, p. 1–15, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/9812>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- COMO uma onda. Intérprete: Lulu Santos. Compositores: Lulu Santos e Nelson Motta. *In: O RITMO do momento*. Intérprete: Lulu Santos. [S. l.]: WEA, 1983. 1 disco vinil, faixa 4 (3 min).
- DRÃO. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. *In: UM BANDA um*. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WM Brazil, 1982. 1 disco vinil, faixa 7 (3 min).
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Efen. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Quem pensa abstratamente? **Síntese Nova Fase**, tradução de Charles Feitosa, v. 22, n. 69, p. 235-240, 1995. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/hegel-quem-pensa-abstratamente.pdf. Acesso em: 7 nov. 2023.
- OLIVEIRA NETO, Pedro A. Gomes de. **Hegel**: os primeiros embates dialéticos. Goiânia, GO: Descubra, 2003.